



Chryst Chrystello*

Memórias de Macau II

Voltei ao Oriente exótico que me enfeiteira. Não em Bali ou Timor (ou Austrália), mas Macau perto desses destinos, ao meu alcance, a curto prazo. Sabia que tudo se iria resolver, as expectativas eram altas e a solução fora sempre partir, desde que voltei de Bali. Ali estava pronto para o célebre porto da Rota da Seda, no Delta do Rio das Pérolas, com o toque mediterrânico que a presença portuguesa implantara. À chegada, janº 1977, esperava-me um funcionário da Companhia de Electricidade de Macau. Na primeira semana fomos homenageados com um jantar de 15 pratos oferecido pela administração (Ho Hin, deputado em Pequim, o verdadeiro poder em Macau), Roque Choi e os dois portugueses).

Nesse jantar debati-me, pois não sabia utilizar os pauzinhos (fai chi). Em Timor comia comida chinesa, em restaurantes (Baucau, A-100 ou A-200), mas com talheres. Um dos administradores, o saudoso Roque Choi (homem forte da administração chinesa e uma joia de pessoa) disse-me: vá para casa e experimente, comece com uma bola grande de papel, vá diminuindo o tamanho até apanhar uma ervilha, nesse dia saberá comer com os pauzinhos. Há-os de bambu, osso, prata, jade, plástico ou madeira. Uns decorados a ouro ou pintados. Há 3000 anos, quando se inventaram na dinastia Shang (1766-1122 a.C.), não passavam de galhos de árvore que levavam à boca a comida quente. O último imperador tinha pauzinhos em marfim. Assim aprendi e uso esse exemplo para ensinar os que os não sabem utilizar.

Eram poucos os lusos em Macau em 1976. Totalizamos 80 tecnocratas ao fim do primeiro ano, mal recebidos e mal vistos pelos locais com salários miseráveis. Os nossos, exorbitantes, casas pagas e mordomias. A nossa presença como minoria privilegiada seria suplantada após 1980, quando chegou a marabunta (2 mil), para abanar a árvore das patacas, com casos encrencados como o do faxe, do Governador Melancia e outros. Depois, seriam 10 mil em busca da pataca milagreira com que se locupletariam, até 1999.

De gusti a comidi, diferente da picante de Timor. Havia duas dúzias de portugueses, acompanhantes de cada Governador, mais as famílias locais macaenses, seculares descendentes de portugueses, e um ou outro soldado, polícia ou militar, atraído pelas mulheres orientais, após a comissão de serviço. As famílias macaenses tinham sangue português, chinês, malaio ou goês, mesclado há séculos em proporções variáveis e as mais idosas falavam um crioulo local, o patuá ou Dóci Papiacám di Macau. Duma forma geral falavam português e cantonense, outros nem por isso. As feições eram diversas, das mais ocidentais às mais orientais, das mais claras às de tez mais escura, de origem malaia ou goesa. Uns andavam nos colégios chineses (Yuet Wah), outros no liceu ou nos colégios de língua inglesa. Eram quase todos políglotas em busca de identidade, maltratados pelos chineses que não gostavam das meias castas e tratados abaixo de cão pelos portugueses que os julgavam

inferiores, com menosprezo pela sua riquíssima herança cultural e genética.

O resto das 300 mil almas, eram chinesas. Em 2020 rondavam 700 mil. O maior e mais importante casino do Oriente, era o Lisboa, de Stanley Ho (falecido em maio 2020) que o criara em 1962 (o monopólio durou até 2002) com os sócios Teddy Yip (marido da irmã Susie), Yip Hon e Henry Fok. O que mais impressionava, negativamente, era a falta de charme e de glamour. Havia uma fauna de seitas, agiotas, prostitutas e meros viciados. Os casinos eram diferentes dos europeus, os tancareiros, entravam descalços, maltrapilhos e apostavam fortunas que eu nunca ganharia em toda a vida. Como amealhavam tais fortunas (legítimas?) escapava ao meu raciocínio, mesmo admitindo que negociassem em drogas, tráfico ou contrabando.

Nos cantos dos salões havia escarradores, utilizados por entre o nevoeiro de fumo e de cheiros intensos que caracterizavam o Lisboa naquela era. Nunca se sabia se era dia ou noite, a menos que se saísse para o ar fresco (humidade muita e constante neblina no Delta). Havia pessoas que nunca sabiam o dia da semana e viviam lá enquanto houvesse dinheiro.

Era uma fauna diferente de tudo o que viria antes nos casinos, onde ia desde antes dos 18, usando um raciocínio matemático simples (no dia em que fiz 17, completei-os, a unidade matemática do ano são 12 meses e não 12 meses mais. No dia seguinte tinha 18 anos e podia entrar no casino. Baralhei os seguranças do casino de Espinho. Ainda conto os aniversários assim.

Não esqueço, no meu primeiro ano novo chinês, uma tancareira (mulher que tripula o tancá) maltrapilha, descalça, entra e senta-se na mesa de boule ou bacará (não nos tradicionais jogos chineses Fan Tan ou Sic bo (), Dai Siu (), grande ou pequeno ou hi-lo). Trazia um molhe de fichas equivalente a muitas vidas de salários meus. Ficou até perder tudo. Não regressou cabisbaixa ou soturna. A resignação fazia parte do jogo, como a alegria de ganhar.

Os funcionários públicos só tinham acesso nos feriados, os executivos da CEM (antes de anexada pela EDP) estavam isentos, os restantes eram equiparados a públicos e só durante a loucura dos 3 dias do ano novo lunar acediam ao casino. Entravam decididos, ficavam até esgotarem os fundos e saíam quando se exauriam. Comiam, bebiam e jogavam até ao fim. Era um espetáculo mórbido nesses dias em que decuplicava a frequência e nem se conseguia lugar num dos bares para tomar café. Pessoas que raramente se viam estavam ali durante o desvario do ano novo. Nas ruas, só o lançamento de panchões e danças de Dragão.

*Jornalista, Membro Honorário Vitalício 297713
(Australian Journalists' Association MEAA)

IL contra obras no miradouro da Lagoa do Fogo e propõe um serviço de 'shuttle'

O deputado da Iniciativa Liberal nos Açores, Nuno Barata, é contra as obras de requalificação do Miradouro da Lagoa do Fogo, na ilha de São Miguel, pede ao Governo que abandone o projecto e apresenta uma solução alternativa, através de um serviço de shuttle em sistema Hop on - Hop off, para evitar os congestionamentos e sobrecarga que se tem verificado no local de viaturas e turistas.

"A Iniciativa Liberal entende que, em relação a este processo de requalificação do Miradouro da Lagoa de Fogo e sobre o acesso de viaturas ao local, deverá existir uma outra abordagem, que garanta as vertentes da sustentabilidade pretendida, alcançando-se assim o passo determinante na direcção deste

desígnio", lê-se no preâmbulo de um Projeto de Resolução que Barata acaba de submeter aos serviços do Parlamento açoriano.

O IL propõe que se proceda ao lançamento de um concurso público internacional para a concepção, produção e concessão, por um período de 10 anos, de um serviço de Shuttle, em sistema de Hop on - Hop off, a funcionar no circuito entre a zona da Central Geotérmica do Pico Vermelho, no Concelho da Ribeira Grande, e o Parque de Merendas dos Remédios, no Concelho da Lagoa e vice-versa.

A proposta prevê a "criação de infraestruturas de estacionamento e de apoio em duas bases do percurso", nomeadamente "junto à Central

Geotérmica do Pico Vermelho, no concelho da Ribeira Grande, e junto ao Parque de Merendas dos Remédios, no concelho da Lagoa".

Nuno Barata propõe ainda que, no âmbito desta nova solução, "mais económica, mais barata e mais amiga do ambiente", o Governo determine a existência de, "pelo menos, 6 pontos de paragem turística no percurso", apontando o "Parque de estacionamento da Central Geotérmica do Pico Vermelho, a Cascata do Salto do Cabrito, a Caldeira Velha, o Miradouro da Bela Vista, o Miradouro da Lagoa de Fogo, o Pico da Barrosa, a Janela do Inferno/Rota da Água e o Parque de Merendas dos Remédios-Lagoa".

Do Projecto de Resolução que segue

para análise do Parlamento e dos parceiros sociais, Nuno Barata acrescenta que "os locais e os horários de partida e chegada, quer no concelho da Lagoa, como no concelho da Ribeira Grande, serão articulados com os apeadeiros e horários dos transportes coletivos públicos de passageiros" e que é imperativo assegurar exceções apenas para "garantir o acesso às explorações agrícolas existentes no percurso", bem como "aos meios de socorro e acessos a propriedades privadas".

Os liberais defendem ainda que "os residentes e portadores de domicílio fiscal na Região beneficiem de um tarifário de acesso ao percurso com desconto de 50% da taxa a cobrar", lê-se numa nota enviada ao nosso jornal.